NOTA DA COMISSÃO EXECUTIVA

Ao longo destes pouco mais de três meses, desde que esta Comissão Executiva entrou em funções, raro é o dia em que não somos apanhados de surpresa por factos e procedimentos que fizeram parte deste grupo ao longo dos últimos anos e que, sem margem para dúvidas, roçam a fronteira daquilo que pode ser considerada uma gestão pouco transparente e irresponsável.

Em nome da tranquilidade do grupo, optámos ao longo destes tempos por não criar uma situação de desconforto relativamente aos outros acionistas, nomeadamente aos que protagonizaram, enquanto parte interessada, situações que, além de legalmente incompatíveis, foram claramente ética e moralmente condenáveis.

Temo-nos diariamente deparado com uma situação financeira muito difícil, e que a 'due dilligence' que previamente foi levada a cabo não refletiu de todo. A realidade em que de facto vive o Global Media Group, nomeadamente tanto a nível de dívidas a fornecedores como a receitas bem abaixo do que nos era assegurado, e ainda a procedimentos internos verdadeiramente à margem da lei, obrigou-nos a ter de promover um plano de reestruturação que, além da necessária contenção de despesas e da racionalização de meios, implica, por muito que isso nos possa custar, um claro 'emagrecimento' a nível de trabalhadores.

Esse plano, que foi aprovado por todos os acionistas, sem exceção, realce-se, é a única forma deste grupo, há anos 'órfão' de uma estratégia e acumulando passivos que têm de ser rapidamente estancados, possa sobreviver. Não pondo em prática esse plano, repetimos, estaremos inevitavelmente a conduzir o Global Media Group para uma morte mais do que anunciada há muito, e que apenas a irresponsabilidade e a recusa em encarar a realidade faz com que muitos não queiram ainda admitir.

Estamos cientes do impacto que acarreta para todos o atraso no pagamento dos salários de Dezembro, bem como a impossibilidade em processar o subsídio de Natal referente a 2023, obrigando-nos assim a proceder ao seu pagamento ao longo do presente ano. Lamentamos profundamente o ocorrido, e fizemos tudo para evitá-lo, sendo que, perante a ausência de tesouraria, do incumprimento por parte do Estado português de acordos já estabelecidos, e da incompreensível postura do Banco Atlântico Europa, foram a verdadeira causa para uma situação que esperamos reverter a curto-prazo.

Não estamos neste grupo com qualquer foco em outra coisa que não a sua viabilização e a sobrevivência das suas marcas, e a nossa postura nada tem que ver com os que no passado, aproveitando-se do vasto património que este grupo possuia, dele se serviu para fazer negócios sem retorno efetivo para o Global Media Group.

Uma nota final: definitivamente não somos daqueles que preferem viver no conforto da mentira a enfrentar o incómodo da verdade – por muito que essa verdade possa trazer trabalho, dissabores e críticas. É esse o preço que estamos dispostos a pagar para salvar o Global Media Group.

P&R

Que percentagem é detida pelo World Opportunity Fund no Global Media Group (GMG)?

O World Opportunity Fund (WOF) detém 51 por cento de duas empresas - as Palavras Civilizadas e a Grandes Notícias, onde os acionistas Marco Galinha e António Mendes Ferreira são detentores dos restantes 49%. Por sua vez, estas duas empresas possuem 50,25 % da Global Media. Ou seja, de facto, o WOF tem uma participação indireta em redor de 26,0 % no GMG.

Quem são os outros acionistas da Global Media?

Além das Páginas Civilizadas e da Grandes Notícias, o capital social do GMG é detido em 29,35% pelo acionista Kevin Ho, e 20,40% pelo acionista José Pedro Soeiro.

Desde quando esta Comissão Executiva se encontra em funções?

A atual Comissão Executiva, presidida por José Paulo Fernandes-Fafe, é composta também por Marco Galinha (que transita da anterior CE), Filipe Nascimento e Paulo Lima de Carvalho, entrou em funções no dia 15 de Setembro deste ano, ou seja, há cerca de 3 meses e meio.

É verdade que o WOF não fez qualquer investimento no GMG? Qual o montante investido até agora pelo WOF em todo o negócio do GMG?

É totalmente falso, e apenas por desconhecimento, ou má-fé, é que se pode afirmar tal falsidade. Desde Junho até ao momento, o WOF já investiu cerca de 10,2 milhões de euros no GMG.

Os restantes acionistas estão disponíveis para investir no grupo?

Apesar da difícil situação financeira em que vive o grupo, os restantes acionistas recusaram-se expressamente, já por duas vezes, fazer qualquer aporte financeiro ao grupo.

As receitas do grupo são suficientes para cobrir os custos?

Infelizmente, não. As receitas, fundamentalmente provenientes de vendas em banca, assinaturas e área comercial, têm prioritariamente servido para suportar os encargos fiscais e de alguns fornecedores essenciais à manutenção da atividade do grupo e das suas marcas.

Em quanto se cifra a dívida do grupo à Autoridade Tributária e à Segurança Social? E quem são os responsáveis pela existência dessa dívida?

Ao dia de hoje, a dívida do GMG à Autoridade Tributária e à Segurança Social é de cerca de 7 milhões e 500 mil euros, estando a mesma a ser liquidada mensalmente através de um plano de pagamento ao abrigo do RERT (Regime Excecional de Regularização Tributária). A responsabilidade total pela existência da dívida é das anteriores administrações, tendo sido a mesma 'herdada' por esta Comissão Executiva.

Qual o montante de dívidas a fornecedores encontrado por esta Comissão Executiva quando entrou em funções?

O valor da dívida existente a fornecedores do GMG ronda os 5 milhões de euros, sendo importante sublinhar a esse respeito que existem diversos casos, alguns deles já identificados, a quem a anterior administração solicitou, ainda no início de 2023, que somente faturassem após a conclusão do negócio com o WOF.

Qual o valor previsto para o fecho de contas de 2023?

Estima-se encerrar o ano de 2023 com um prejuízo de cerca de 7 milhões de euros.

É verdade que o World Opportunity Fund alguma vez se escusou a prestar alguma informação à Entidade Reguladora para a Comunicação Social?

Essa narrativa é totalmente falsa. Até hoje, o WOF prestou todos os esclarecimentos solicitados pela ERC. No entanto, não podemos deixar de sublinhar que o escrutínio a que o fundo tem sido sujeito nos últimos meses, se comparado com outras situações semelhantes vividas no setor, é no mínimo inédito, se não mesmo insólito.

Qual é o número de vendas de exemplares em banca do Jornal de Notícias? E quantos jornalistas possui o Jornal de Notícias no seu quadro? E quantos colaboradores ao seu serviço?

Contrariamente ao que foi veiculado, segundo números da distribuidora VASP, o Jornal de Notícias vende em banca uma média de 14.385 exemplares, sendo que entre segunda-feira e sábado, as vendas se cifram apenas numa média de 12.460 exemplares. Refira-se a propósito que, ainda a mesma fonte, ao longo do último ano, o Jornal de Notícias sofreu uma queda de vendas em banca de cerca de 12,8%, o que corresponde a cerca de 2 mil e 200 exemplares diários.
Relativamente ao número de jornalistas do Jornal de Notícias, o seu quadro redatorial é constituído por mais de 90 jornalistas, sendo que outras 70 pessoas fazem parte da sua bolsa de colaboradores. Ou seja, de facto, o Jornal de Notícias é feito por mais de 160 pessoas.